

## Sobre o autodidata \*

Antonio Ozaí da Silva \*\*

O autodidatismo tanto pode ser uma estratégia de sobrevivência quanto uma atitude de resistência à dominação. Em ambos os sentidos expressam a contraposição entre ensino formal e ensino informal. GUSDORF (1995: 132), embora valorize o esforço individual do autodidata, chama a atenção para a sua orfandade:

“O autodidata representa aqui o órfão da cultura, o *selfmade-man*, que, chegado muito tarde à preocupação do conhecimento, só deve a si próprio sua iniciação. Para ele, a cultura é um saber capitalizado nos livros, a totalidade indefinida das aquisições humanas, que precisa abordar sozinho. Ninguém lhe abre os caminhos, ninguém estabelece, no seio desta massa, as distinções hierárquicas indispensáveis. Saber e sabedoria apresentam-se-lhe como uma aglomeração, uma totalidade sem perspectiva; acha-se perdido na imensidão das bibliotecas como um viajante perdido num deserto sem pontos de referência, e que insistisse ao acaso, sucessivamente, em todas as direções, condenado afinal a morrer sem ter encontrado o caminho”.



O autodidata vive um drama: sua tarefa é gigantesca e seus recursos são parcos. “A cultura se oferece a ele como um bloco sem fendas, e que o esmaga, porque ninguém lhe serviu de mediador”, afirma GUSDORF. Para o

autodidata, a “cultura é um assunto de quantidade mais que de qualidade”. (Id.)<sup>i</sup>

Dependendo basicamente de si mesmo, tende a conservar um sentimento de inferioridade, muitas vezes disfarçado pela aparente arrogância do saber adquirido.

O autodidata encontra-se em situação pior que o discípulo: esse tem no mestre a referência espiritual que necessita; aquele se encontra abandonado ao próprio *eu*, submerso nos livros e na atividade febril em busca da sabedoria. No fundo é um herói, mas um “herói sem esperanças”, pois lhe falta o essencial: o mestre. (Id.: 133) É este que concede à cultura um caráter pessoal; é esta a sua tarefa. Seguindo a análise de GUSDORF, conclui-se que ainda que o autodidata devore todos os livros da biblioteca e tenha assimilado de cor todo o conhecimento, ele se ressentirá da ausência do mestre.

Em GUSDORF temos a relativização do autodidatismo enquanto estratégia de conhecimento. BOURDIEU (In ORTIZ: 1983: 114), ressalta que a atividade autodidata resulta das exigências e exclusões inerentes ao sistema de ensino formal:

“Não é paradoxal dizer que o autodidata é um *produto do sistema escolar*, o único habilitado a transmitir esse corpo hierarquizado de aptidões e de saberes que constitui a cultura legítima e a consagrar, pelo exame dos títulos, o acesso a um nível determinado de iniciação: porque ele ignora o direito de ignorar, privilégio dos virtuosos, e porque não adquiriu sua cultura segundo a ordem legítima da instituição escolar, trai sem cessar, na sua própria ansiedade da boa classificação, o árbitro de suas classificações e, por aí, de seus saberes, espécie de pérolas sem fio, acumuladas ao longo de um aprendizado singular, ignorando as etapas e os obstáculos institucionalizados e estandarizados, os programas e as progressões que fazem da cultura escolar um conjunto rigorosamente hierarquizado e hierarquizante dos saberes implicativos”.

Na perspectiva libertária, VALVERDE (1996: 09) afirma que “o autodidata, ao romper com o formalismo da educação escolar tradicional, cria as condições de antecipar-se e engendrar novas fronteiras de problemas tradicionalmente esquecidos ou resolvidos de maneira chã”. Mais do que a crítica às instituições de ensino formal, esta perspectiva valoriza o autodidatismo enquanto fator de conquista e afirmação da liberdade e possibilidade de *recuperação do indivíduo*. Mas este não é o indivíduo burguês ou pequeno-burguês, pois, “o anarquista é – pelo menos no seu

ideário e horizonte político e ético –, o antípoda desses tipos sociais”. (Id.: 10) Sua ênfase incide sobre as experiências educacionais desenvolvidas fora do âmbito do ensino formal; sua perspectiva é militante. A atividade autodidata vinculada à militância tem um sentido político e ético, construído a partir da experiência cotidiana, no trabalho e nos embates sociais.

Porém, o autodidatismo não é um fenômeno restrito à militância libertária, mas sim um fato histórico amplo que ultrapassa os murais do âmbito das classes sociais e encontra-se disseminado por toda a sociedade. “Seu florescimento mais intenso se deu nos momentos em que o modo de produção capitalista negou aos trabalhadores o acesso à cultura, pela alfabetização escolar formal, tornando-se necessidade vital para a organização das lutas sociais”, assinala VALVERDE (Id.: 212).

O autodidatismo é uma atividade inerente à capacidade humana de conhecer. Todo indivíduo, em certo sentido, pode ser um autodidata.<sup>ii</sup> O contrário, é imaginar que só se atinge o conhecimento através da frequência à escola.<sup>iii</sup> Mesmo a esfera do conhecimento formal (os espaços institucionais de ensino-aprendizagem), não esgota todas as possibilidades de *conhecer*. Em certas circunstâncias, o saber formal canônico vê-se obrigado a reconhecer o saber autodidata e incorporá-lo.

#### Referências

FRIJHOFF, Willem. “Autodidaxies, XVI-XVX siècles: jalons pour la construction d’un objet historique” In: *Histoire de L’ Education* – Mai – nº 70 – Institut National de Recherche Pédagogique – Paris – 1996 (Número Special – Autodidaxies XVI- XIX siècles, pp. 05-27)

GUSDORF, Georges. (1995) *Professores para quê?: para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes.

ORTIZ, Renato. (Org.) (1983) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática.

VALVERDE, Antonio José Romera. (1996) *Pedagogia Libertária e Autodidatismo*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas-SP. (Orientador: Maurício Tragtenberg)



\* Publicado em SILVA, Antonio Ozaí da. **Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2008, p. 99-103.



\*\* **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é docente do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá.

<sup>i</sup> GUSDORF exemplifica essa assertiva citando a obra sartreana *A Náusea*, na qual o autodidata é observado na biblioteca: “De repente, os nomes dos últimos autores cujas obras consultou voltam-me à memória: Lambert, Langlois, Larbalétrier, Lastex, Lavergne. Fez-se luz: compreendi o método do Autodidata – instrui-se por ordem alfabética. Contemplo-o com uma espécie de admiração. Que vontade não lhe é preciso para realizar lentamente, obstinadamente, um plano de tão vasta envergadura? Um dia, há sete anos (disse-me que estudava há sete anos), entrou com grande pompa nesta sala. Percorreu com o olhar os inumeráveis livros que forram as paredes, e deve ter dito, talvez como Rastignac: ‘Vamos a isto, Ciência Humana!’, depois foi pegar o primeiro livro da primeira prateleira da extrema direita (...). E vai chegar o dia em que dirá, ao fechar o último volume da última prateleira da extrema esquerda: ‘E agora?’” (Citado in GUSDORF, 1995: 132-33)

<sup>ii</sup> VALVERDE (1996: 204), enfatiza essa simples verdade: “O ato de aprender por si mesmo não é novidade. É tão velho quanto o mundo”. O autodidata é, por definição, o que

estuda sem um mestre. O autodidatismo nega a contradição educador-educando e funda-se na vontade autônoma de alcançar o saber. O autodidatismo caracteriza-se pelo individualismo, por relações horizontais e o ensino mútuo; apóia-se sobre a vontade comum dos indivíduos ou um grupo de pessoas. De qualquer forma, como ressalta FRIJHOFF (1996: 06), o autodidatismo coloca “*la question essentielle de savoir jusqu’où l’homme peut être autonome dans son accès à la culture et maître de son propre destin, et jusqu’à quel point tout processus d’apprentissage présuppose une interaction sociale ou culturelle*”.

<sup>iii</sup> Na verdade, a História da Pedagogia resulta num tipo de História da Educação que privilegia as formas institucionais de educar e de transmitir cultura. Não por acaso, um dos problemas enfrentados por quem deseje estudar o fenômeno do autodidatismo é precisamente a raridade das fontes. Com efeito, as experiências autodidatas se situam no extremo oposto das instâncias coletivas que geram os arquivos públicos, ou seja, o autodidatismo não *frequenta os anais da história*. O autodidatismo fica reduzido a uma prática cultural individual, visto como um deserto social e cultural. Por isso, a maior parte das experiências autodidatas se apresentam sob a forma de autobiografias ou biografias. (FRIJHOFF: 1996)